

As novas configurações da adoção, uma grande reportagem¹

Bruna Ferreira da SILVA²

Flávia PLACIDELI³

Juliana Mesquita SANTOS⁴

Nathalia Faria Máximo da SILVA⁵

Daniela Pereira BOCHEMBUZO⁶

Universidade Sagrado Coração, Bauru – SP

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido pelas alunas do curso de Jornalismo da Universidade Sagrado Coração como atividade final da disciplina Redação de Jornalismo Impresso I, do 3º semestre do curso de jornalismo. O produto desenvolvido se trata de uma grande reportagem para o meio de comunicação impresso e tem como tema principal as novas configurações da adoção. O assunto foi abordado a partir de entrevistas com diversos profissionais, adotantes e adotados, além de ter sido feita uma extensa pesquisa bibliográfica acerca do tema e das práticas jornalísticas para o meio a que se dispõe o projeto. A proposta é esclarecer o público sobre a prática da adoção e as suas novas configurações, que indicam mudanças sociais, bem como contribuir para a quebra de tabus e paradigmas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornalismo impresso; grande reportagem; adoção

INTRODUÇÃO

Segundo dados do site Adoção Brasil, hoje o país tem cerca de 5.500 crianças e adolescentes inscritos no Cadastro Nacional de Adoção, criado em 2008 para mapear informações de todos os tribunais de Justiça do país sobre os processos de adoção. Essas crianças são as que estão aptas para receberem um novo lar.

Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria JO 08 Reportagem em Jornalismo Impresso. Modalidade: avulso.

²Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo. email: bruh.ferreira12@hotmail.com

³Estudante do 5º.Semestre do Curso de Jornalismo, email: flaviaplacideli@msn.com

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: iuh.iuliana08@gmail.com

⁵Aluna líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: nathalia.fariamaximo@gmail.com

⁶Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração (USC) e membro do Grupo de Pesquisas Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM/USC), e-mail: daniela.bochembuzo@usc.br

Muito se evoluiu no tratamento que a adoção recebia no Brasil, mas ainda alguns tabus rondam a sociedade quando esse assunto é tratado. Além disso, embora muitas leis tenham sido criadas, observa-se a demora e uma longa fila de espera, que acabam por desmotivar os interessados em adotar.

Dados disponíveis no site do Senado afirmam que o perfil de criança pretendido pelos adotantes não corresponde aos menores que vivem nos abrigos de todo o país, gerando uma enorme fila de espera.

Na outra ponta do processo, formou-se uma fila com 30 mil pretendentes, igualmente registrados no cadastro. A impressionante razão de uma criança para cada seis pretendentes se explica por duas razões básicas: a demora nos processos que levam à adoção e o fato de que o perfil de criança pretendido pelo brasileiro é, em geral, muito diferente das crianças e adolescentes que vivem nas instituições. (SENADO BRASILEIRO, 2013)

O que fica comprovado a partir destes dados é que, embora existam muitas famílias interessadas em dar um lar a uma criança, há também a burocracia e muitas crianças à espera de uma nova família.

Paralelo a essa problemática, cresce o número de pessoas se preocupando menos com questões como sexo, idade e etnia, uma vez que os modelos familiares têm mudado.

As adoções monoparental, inter-racial, tardia, homossexual e de crianças com alguma deficiência, embora não encontrassem empecilhos na legislação vigente e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁷, não tinham adesão. No caso da adoção homossexual, os casais homoafetivos passaram a poder adotar a partir de 2011, quando a legislação brasileira colocou em vigor o reconhecimento de união estável entre pessoas do mesmo sexo.

Segundo dados do Cadastro Nacional de Adoção⁸, em dezembro de 2012, o número de casais que aceitavam uma adoção inter-racial cresceu de 31,4% em 2010 para 37,75%. Já em relação à adoção tardia, ou seja, aquela que contempla crianças acima dos dois anos de idade, o número de pessoas que manifestavam interesse por bebês caiu ligeiramente: de 19,6% em 2010 para 16,16 % em 2012.

No caso da adoção por casais homoafetivos, o tabu e o preconceito ainda são as

⁷ Presidência da República, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Subseção IV- Da adoção. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: 04 abr.2013

principais causas da baixa procura, já que não há impedimento legislativo para que eles busquem a adoção. Outro tema pouco abordado tem a ver com a procura por crianças com deficiência, as quais dificilmente fazem parte da preferência dos casais que buscam a adoção.

Outro modelo é o da monoparentalidade, que pode se dar por diversas circunstâncias: fruto de uma decisão voluntária, o desejo de uma produção independente ou até mesmo em caso de divórcio ou viuvez em que uma das partes ainda deseje ter filhos. A questão de adoção por pessoas solteiras também não encontra barreiras legais, como colocado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) “Art. 42. Podem adotar os maiores de 18 (dezoito) anos, independentemente do estado civil”.

Essas abordagens alternativas acerca do tema dificilmente são tratadas pelos mais diversos meios de comunicação. Quando grandes veículos falam sobre adoção, observa-se que a abordagem minimiza a importância de casos mais específicos, como os retratados na grande reportagem alvo deste trabalho. Isto resulta em matérias que veiculam poucos elementos novos para reflexão do público. Na imprensa televisiva, as reportagens ganham pouco espaço e tempo para serem disseminadas de forma minuciosa. No rádio, o mesmo acontece e, no caso desse veículo, a profundidade se prejudica na procura pelo imediatismo e objetivismo, características do meio. Desta forma, o meio impresso se destaca para esse tipo de abordagem, sendo, por excelência, um veículo para aprofundamento de questões, não se limitando a comentar um fato, mas sim, podendo mostrá-lo de forma ampla e fomentando debates. Erbolato (2002) elenca as principais vantagens da mídia impressa para aprofundamento de temas:

Uma hora, ou mais, na narrativa de uma história e não encontrariam patrocinador para um programa tão caro. [...] Qualquer informativo da televisão morre um pouco depois de projetado. Nos jornais, porém, as histórias continuarão provocando interesse. Enquanto não se jogar fora o exemplar, ele poderá ser mostrado constantemente e servirá de argumento para qualquer debate ou discussão sobre o que foi publicado. (ERBOLATO, 2002, p. 30).

Dessa forma, fica claro o caráter documental do jornalismo impresso ao possibilitar uma forma de abordagem que pode durar quanto tempo o leitor desejar, passando por tantas

⁸ Disponível em <http://www.filhosadotivosdobrasil.com/index.php/component/content/article/41-adoacao/102-cresce-o-numero-de-pessoas-que-atotam-sem-se-preocupar-com-a-raca-da-crianca> > Acesso em: 04 abr.2014

mãos quanto esse permitir. Por isso, levando em conta a complexidade e a necessidade de quebras de tabus em torno deste tema, que merece um amplo espaço para discussão e conta com diversas vozes, o impresso se torna o meio mais indicado para difundir o assunto.

Uma das missões do jornalismo impresso é abordar temas mais complexos de uma forma mais clara e detalhada, pois é quantitativo por natureza, como coloca Erbolato. “Os jornais (impressos) manejam a notícia com mais pormenores e extensão do que qualquer outro veículo de comunicação de massa.” (ERBOLATO, 2002, p. 31).

No âmbito constitutivo da grande reportagem impressa, é necessário utilizar-se do gênero interpretativo para que tal finalidade competente a ela seja atingida, ou seja, além do lado noticioso, há também a preocupação com a apuração e aprofundamento devido sobre o tema proposto. Para Beltrão, o jornalismo interpretativo almeja preencher os vazios da informação. Ele coloca ainda a interpretação como sendo:

Um exercício da inteligência e de discernimento de um agente qualificado, com excepcional aptidão para apreender toda a significação do fato para a comunidade, dentro de um critério especial, de um juízo jornalístico que se resume em submeter o interesse particular e transitório para obter a universalidade e considerar, nos fatos, o seu valor permanente. (BELTRÃO, 1980, p.47).

Sendo assim, Beltrão coloca o jornalista como sendo o transmissor de uma informação detalhada de forma que algo saia do particular para fazer parte de um contexto maior, no qual o leitor possa enxergar o valor da notícia como algo permanente e integrante da sua realidade.

Erbolato (2002) elenca quais elementos devem estar presentes na reportagem. São eles: explicação das causas do fato, localização do fato no contexto social (ou histórico) e suas consequências. O papel da reportagem, então, é explorar determinado tema com profundidade, cercando todos os lados possíveis ou apresentando um ângulo novo, colocando à disposição do leitor uma nova perspectiva de abordagem, de forma que ele procure saber mais sobre o assunto e traga para seu contexto social tal discussão proposta.

No caso da grande reportagem, sua extensão auxilia ainda mais no aprofundamento da temática. Ela possibilita, inclusive, que mais ângulos sejam abordados com grande qualidade. A pesquisa é uma das bases fundamentais para cumprir o planejado.

2 OBJETIVO

Apresentar ao leitor as novas configurações que se dão em torno da adoção no Brasil, mas que são pouco difundidas e exploradas nos meios de comunicação, contribuindo, assim, para maior esclarecimento sobre o tema e auxiliando na quebra de tabus e preconceitos ao levar em conta modelos familiares que estão se tornando cada vez mais presentes dentro do contexto da sociedade moderna. A pesquisa exploratória e a análise de diversos casos de adoção em profundidade, por meio de entrevista as diversas fontes podem contribuir para o objetivo específico de esclarecer a funcionalidade do processo de adoção. Relatos de personagens que se enquadram nessas novas configurações podem colaborar no sentido de disseminar maior informação para os que desconhecem o tema.

3 JUSTIFICATIVA

Nilson coloca a importância da notícia para o público para o qual se destina:

É através do jornalismo que a informação circula, transporta para uma língua comum e simplificada, menos precisa, mas com potencial bastante para permitir julgamentos e indicar caminhos de investigação a quem estiver interessado (LAGE, 2002, p. 22).

Tendo em vista esse conceito, a produção jornalística de uma grande reportagem sobre o tema adoção, ainda mais sobre as questões das adoções monoparentais, homoafetivas, inter-raciais, tardia e de crianças com deficiência, traz à tona para o leitor uma oportunidade de conhecer mais sobre o assunto e desmitificar preconceitos. Difundir esse tipo de informação contribui para a discussão de temas tabus e contempla uma das maiores prioridades do jornalismo, a de informar.

As novas configurações da adoção estão cada vez mais presentes na sociedade atual e deve-se aproveitar o momento para discutir o tema, evitando, assim, que exista um preconceito futuro ou que tabus sigam adiante. O papel do jornalista, nesse caso, é pesquisar a respeito e trazer algo além da notícia simplificada e factual. Ele também tem o dever de colocar à disposição do leitor todas as informações necessárias para se promover reflexões a respeito do assunto abordado. Além disso, é preciso estar em contato com as fontes, ouvir suas histórias e trabalhar com paixão os detalhes que irão

compor a reportagem. Para Kotscho (2009), esse é um dos gêneros jornalísticos mais interessantes. “É o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício.”(KOTSCHO, 2009, p. 71).

Por isso, a ideia de levar ao leitor o tema adoção por meio do veículo impresso, que se adequa bem no caráter de aprofundamento, quantidade e valor documental que o tema necessita. Tal possibilidade se confirma por meio da grande reportagem, que possibilita traduzir, por meio de palavras, os sentimentos que envolvem a situação de inúmeras famílias que esperam por um filho e inúmeras crianças e adolescentes que aguardam um lar, situação passível de solução a partir das novas configurações da adoção.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A técnica utilizada para este trabalho foi a documentação indireta, por meio de pesquisa bibliográfica. Os autores nos quais as pesquisas acerca da prática jornalística se concentraram foram Luiz Beltrão, em seu livro “Jornalismo Interpretativo”. Outro autor que possibilitou uma reflexão para o produção da grande reportagem foi Mario Erbolato, cujo livro “Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário” versa sobre as especificidades do meio impresso. O livro “A Prática da Reportagem”, de Ricardo Kotscho, também auxiliou para o entendimento da prática jornalística a partir do momento em que ele usa sua experiência para exemplificar situações. Em outra obra, “A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística”, Nilson Lage passa para o leitor diversas nuances para que a pesquisa e a entrevista, pontos cruciais na elaboração de uma grande reportagem. Além das obras relacionadas ao jornalismo, o livreto “Adoção: um direito de todos e todas” também aborda o lado psicológico da adoção, incluindo, ainda, a adoção homossexual.

Outras informações foram obtidas a partir da participação de integrantes do grupo na palestra “Contribuições da Psicologia para uma nova cultura de adoção: aspectos psicológicos da adoção inter-racial e da adoção por casais homoafetivos”, ministrada por Mauricio Ribeiro de Almeida, doutor em psicologia social pelo Instituto de Psicologia e funcionário público do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (TJ/SP). A atividade integrou a “Semana da Adoção”, realizada na cidade de Bauru no primeiro semestre de 2013.

Como parte da pesquisa, foram consultadas legislações vigentes, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em busca de parâmetros legais em torno do tema. Houve amparo, também, em documentação direta, por meio de entrevista. O grupo realizou 20 entrevistas, entre adotados, adotantes, psicólogas, assistentes sociais, promotor, entre outros colaboradores que auxiliaram no contato com as fontes finais.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo de elaboração da grande reportagem se iniciou por meio de pesquisa bibliográfica e documental, além de consulta em legislações que fundamentavam o tema. A “Semana da Adoção” possibilitou um contato amplo com psicólogos e outros profissionais, dando a oportunidade para que as alunas participassem de debates em que puderam tirar dúvidas sobre algumas questões que permeiam a prática da adoção.

A partir daí, foram procuradas pessoas que pudessem auxiliar na produção do conteúdo jornalístico. O foco principal foi encontrar fontes que pudessem acrescentar algo sobre as novas configurações da adoção. Este foi um longo processo em busca das fontes, do aprofundamento do tema e também de um estudo por parte das autoras da grande reportagem.

O produto resultante consiste em uma grande reportagem especializada que contempla as novas configurações da adoção na sociedade brasileira. Na grande reportagem, são abordadas as adoções: monoparental, homoafetiva, inter-racial, tardia e de crianças que apresentam algum tipo de deficiência.

Por se tratar de uma grande reportagem e esta contemplar o gênero interpretativo, também é feita a contextualização em torno do tema e de suas especificidades.

Os procedimentos para quem procura a adoção são esclarecidos, ainda a partir da entrevista com profissionais que atuam na área, como psicólogas das cidades de Bauru e Agudos, promotor da Vara da Infância e da Juventude da cidade de Agudos, assistentes sociais que estão inseridas nesse meio, entre outros. Todas as informações são amparadas por pesquisa e por entrevista. O casal de Lençóis Paulista Gilberto Coneglian e Nara Lúcia Coneglian contou a sua experiência de terem que buscar as filhas em um Estado distante de onde residiam para que conseguissem realizar o sonho de serem pais. Outras dúvidas que permeiam o tema e geram curiosidade de grande parcela da população também são abordadas, como, por exemplo, o local para onde as crianças são

levadas ao sair da casa dos pais biológicos, quem está apto para adoção, em que situações a criança pode ser “devolvida” ao abrigo, quais são os procedimentos após a adoção, entre outros. Essas informações tornam o texto interessante e de utilidade para o leitor, que consegue enxergar, nesta grande reportagem, a explicação de muitos questionamentos.

Raquel Barros foi umas das entrevistadas sobre o subtema adoção monoparental, realizada primeiramente quando solteira e mais tarde, após a viuvez.

Outros entrevistados foram Edson Perotto e Joice Perotto que contaram sobre a experiência de adotar uma criança de três anos de idade, o que configura a adoção tardia, caso raro, se for levado em conta que 92,7% dos interessados em adotar desejam alguém com idade entre zero e 5 anos.

Em relação às crianças com deficiência, a adoção é bem mais rara, e também quase não encontra espaço para ser tratada nos veículos de comunicação. Pouca gente sabe que essas crianças com necessidades especiais também estão nos abrigos e esperam por um lar e para elas, a saída de um abrigo ou instituição acaba sendo algo bem mais difícil. Em contrapartida a isso, a entrevistada Eliana da Neves não hesitou ao levar para sua casa um bebê com síndrome de Down, contrariando todas as expectativas e preconceitos existentes. Outra configuração abordada foi a adoção inter-racial que ainda sofre com o preconceito e a ideia de que os adotados devem se parecer com seus pais adotivos, pelo menos etnicamente. Na grande reportagem, os entrevistados Ednéia Rocha Britto Bueno e Orlando Bueno contam como venceram o próprio preconceito e hoje são pais de dois irmãos negros.

A adoção por pais homossexuais também é retratada na matéria. A relação homoafetiva é uma das que encontra mais tabus para ser discutida pela sociedade e ganhou novos e rumos a partir de 2011, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união estável de casais homossexuais. Mas, mesmo com a lei a favor e sem nenhum tipo de restrição jurídica, muitos casais homoafetivos ainda não se sentem a vontade para adotar uma criança. Sobre esse aspecto, foi entrevistado Fernando Freitas.

A grande reportagem conta ainda três boxes, recursos que acompanham uma matéria mais extensa, a fim de explicar determinado termo ou trazer informações adicionais. Erbolato (2002) o define como “texto pequeno em meio a matéria extensa, composto em tipos diferentes e colocado entre fios horizontais.” (ERBOLATO, 2002, p. 241)

Um dos box traz o relato da adotada Alessandra Carina Placca, adotada quando criança. A escolha da fonte levou em conta que para a grande reportagem era importante ouvir, além dos adotantes, alguém que tinha a questão da adoção intrinsecamente ligada à sua própria história de vida.

O outro box aborda explicação sobre a questão da união estável dos homossexuais no Brasil. O terceiro traz ao leitor informações sobre como localizar crianças aptas à adoção em todo o país.

A partir das informações contidas na reportagem, o leitor pode conhecer mais sobre a prática da adoção por meio de uma linguagem adequada e esclarecida. Os relatos de adotantes, candidatos à adoção e adotada humanizam a abordagem.

6 CONSIDERAÇÕES

Além de abordar os aspectos legais e quais os tabus enfrentados pelas adoções monoparentais, inter-raciais, homoafetivas, tardia e de crianças com alguma deficiência, sendo esses modelos de adoção que fogem do parâmetro familiar convencional, a proposta da reportagem também favorece a conscientização em torno da adoção de um modo geral, colaborando para ampliação da visão em torno do tema.

As vantagens de se adotar e o que acarreta para a vida de uma criança a presença de uma nova família também são tópicos discutidos. Assim, a grande reportagem impressa contribui de uma forma muito positiva para a disseminação de informações que não recebem tanto espaço nos meios de comunicação de massa, além de fomentar o debate por parte da sociedade.

Destaca-se na grande reportagem a importância desse tipo de adoção que vai ao encontro dos conceitos de que toda criança ou adolescente, independentemente da idade, merece a oportunidade de ter um novo lar, como reforça o ECA.

Sendo assim, os objetivos propostos na angulação do tema foram atingidos a partir do momento em que foram realizadas pesquisas detalhadas e uma busca pelas fontes que melhor conseguissem colocar os conceitos e esclarecessem para o leitor grande dúvidas com as quais ele não tem contato.

O uso do meio impresso para difusão desta grande reportagem contribuiu para que os tópicos fossem trabalhadas de maneira mais extensa e detalhada, algo que não seria possível em outros meios de comunicação.

No âmbito da disciplina Redação de Jornalismo Impresso I, as metas foram atingidas, uma vez que as alunas tiveram contato com a práxis jornalística e a construção de uma linguagem adequada para o meio ao qual se destinava, tendo como embasamento autores conceituados no cenário jornalístico. Essa grande reportagem contribuiu para as questões pessoais e profissionais das alunas, possibilitando um crescimento teórico e prático em relação ao curso de jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Presidência da República Federativa. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de 13 de Julho de 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: 04abr2014

BELTRÃO, L. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

ADOÇÃO BRASIL. Disponível em <<http://www.adocaobrasil.com.br/>> Acesso em: 12maio2013

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL. **Aprovado o casamento gay no Brasil**. Disponível em <<http://oab-rj.jusbrasil.com.br/noticias/100519433/aprovado-o-casamento-gay-no-brasil-raquel-castro>> Acesso em: 04abr2014

BRASILEIRO, Senado. Jornal em Discussão. **Contexto da adoção no Brasil**. Disponível em <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/contexto-da-adocao-no-brasil.aspx>> Acesso em: 04abr2014

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2001.

JUSTIÇA, Conselho Nacional. **Cadastro Nacional de Adoção**. Disponível em <<http://www.cnj.jus.br/programas-de-a-a-z/infancia-e-juventude/cadastro-nacional-de-adocao-cna>> Acesso em 04abr2014

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Editora Ática, 2009

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2002

PSICOLOGIA, Conselho Federal. **Adoção: Um Direito de Todos e Todas**. Brasília, 2008.